

A dimensão direita-esquerda na definição do voto: o caso das eleições de 1994 em Porto Alegre

Marcelo Baquero, Sônia Ranincheski, Óthon Ferreira Pereira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-URGS

Henrique Carlos de Oliveira de Castro
URGS e Centro La Salle de Ensino Superior – CELES

Rodrigo Stumpf González
URGS e UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos)

Gérson Rodrigues
Sociólogo do SESC/RS

Sejam ou não válidos os argumentos examinados até aqui para negar a diáde – esquerda-direita –, a tese da negação parece ser corroborada por um dado de fato facilmente verificável nestes últimos anos.

(...) trata-se da transmigração que alguns autores – em geral, os que são elevados à condição de modelos de vida e são inseridos no círculo restrito dos “maîtres à penser” pela própria vontade dos discípulos – fazem da direita para a esquerda ou vice-versa (Norberto Bobbio, 1994, p.49.)¹

Introdução

Espaço político pode ser entendido como: a área de conflitos, em que eleitores e partidos se relacionam, num dado sistema político e num certo momento histórico (D’Alimonte, 1986). Este espaço político se definiria, de uma maneira geral, por um

1 BOBBIO, Norberto. Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: UNESP, 1994, 129 p.

certo número de dimensões políticas consideradas relevantes, tanto pelos eleitores, como pelos partidos envolvidos num processo eleitoral.

Tais dimensões correspondem, portanto, aos critérios mais variados de crenças e valores utilizados para orientação de voto, de maneira que podem ser criados vários modelos explicativos do comportamento eleitoral a partir do estudo da cultura política. Um deste modelos, formulado por Philippe Converse (1964), leva em consideração variáveis como o grau de percepção ideológica, o nível de informações concretas com um certo critério programático, o posicionamento segundo o grupo à que pertencem, a importância da conjuntura (os chamados natureza dos tempos) e a influência de critérios puramente emocionais².

A compreensão mínima desse espaço político é diferenciado de eleitor para eleitor. Em primeiro lugar, o eleitor pode não se identificar com todos os partidos do sistema. Ele pode identificar-se somente com o “seu” partido ou ainda não levar em conta os partidos e observar a conduta do candidato, independente da sigla partidária a que este pertença. Pesquisas de opinião pública longitudinais têm constatado que no processo eleitoral, e, de maneira particular no Brasil, a figura ou a pessoa do candidato é muito mais decisiva na preferência do eleitor do que o partido (Baquero, 1984).

No entanto, se o personalismo assume importância significativa numa estrutura de competição eleitoral, outras dimensões, também, podem ser consideradas relevantes no campo da análise do comportamento eleitoral. É o caso da dimensão ideológica esquerda-direita.

Essa dimensão foi utilizada originalmente pelos estudiosos franceses com vistas à identificar a posição ideológica dos deputados no Parlamento (os que estavam à esquerda eram considerados da oposição e aqueles que estavam à direita se identi-

2 Para melhor detalhamento desta classificação criada por Converse ver BAQUERO, Marcelo. Paradigma de Converse: sistemas de crenças e o processo eleitoral de 1982 em Porto Alegre. Revista do IFCH/UFRGS, Porto Alegre, v. 13, 1985, p. 239-53.

cavam com a situação). Este “*continuum*” ideológico passou a ser usado como categoria divisória de posicionamento social e político para a sociedade como um todo. Assim, para Lipset (apud D’Alimonte, 1986) e muitos outros, o divisor de águas entre esquerda e direita está na atitude favorável ou não às mudanças no “*status quo*”. Ou ainda, argumenta Sartori³:

O que nos leva a utilizar a identificação esquerda-direita é uma razão ponderável, ou seja, a de ser a maneira mais evidente e constante pela qual não só o público de massa como também as elites vêem a política. (Sartori, 1982, p. 101).

Embora o declínio do leste europeu e o discurso do fim das ideologias levam a crer que a dimensão esquerda-direita perdeu importância, resultados eleitorais em diferentes países parecem indicar o contrário! A eleição de Jacques Chirac, na França, ou mesmo a ampla vitória, nas últimas eleições municipais italianas, do Partido de la Sinistra – PDS, herdeiro do Partido Comunista Italiano – na Europa, e as vitórias de partidos de esquerda em capitais latino-americanos, como é o caso da frente Ampla em Montevideu, apontam a necessidade de retomar esse debate⁴. Esse fenômeno, também, pode ser observado no Brasil: estudos sobre as eleições municipais em 1988 demonstraram um avanço substancial das forças genericamente chamadas de esquerda⁵.

3 Para efeitos deste trabalho utilizamos a dimensão esquerda-direita, no dizer de Sartori, como uma “percepção” do eleitorado. Sartori, 1982, p. 102.

4 Veja-se, por exemplo, alguns estudos europeus, como 1) SCHWEISGUTH, Etienne. La dimension droite-gauche: de la demande a l’offre politique. In: GAXIE, Daniel. Explication du vote, un bilan étude électorales en France. Palais du Luxembourg: Fondation Nationale des Sciences Politiques. 4,5,6 mars 1993. v.1, p.137-71. 2) SCIARINI, Pascal, FINGER, Mathias. Les dimensions de l’espace politique suisse et l’integration de la “nouvelle politique écologique” Revue française de science politique. Paris: Press de la foundation nationale des sciences politiques, v. 41, n. 4, p. 537-59, ago. 1991.

5 Bolivar Lamounier coloca que somendo o PT, o brizolismo e o PSDB, pode-se estimar que cerca de 25% da população brasileira passou a ser governada, na esfera municipal, pela esquerda. Ver LAMOUNIER, Bolivar. Partidos e utopias: o Brasil no limiar dos anos 90. São Paulo: Loyola, 1989. Leoncio Martins realizou uma pesquisa com deputados eleitos para a Constituinte e verificou que é possível localizar em todos os partidos relevantes uma “espinha dorsal”, um núcleo ideológico dominante que marca cada um deles em termos da ideologia e da composição social. Ver: MARTINS, Leôncio. Quem é Quem na Constituinte: a análise sócio-política dos partidos e deputados. São Paulo: OESP-Maltase, 1987.

A necessidade de redimensionar os debates sobre esquerda-direita não coloca, no entanto, como observa Bobbio, a ausência do centro, no posicionamento político. Segundo ele, a própria tendência, de ir para o centro, justificaria a díade esquerda-direita (Bobbio, 1994, p.36). A respeito desta questão, é prudente lembrar o debate que Sartori trava com Duverger. Sartori inverte a tese de Duverger (apud Sartori) de que “o centro nunca existe na política”. Para aquele autor, uma “tendência” de centro existe sempre; o que pode não existir é um partido de centro (Sartori, 1982, p. 232).

A partir destas colocações, os objetivos deste artigo, tomando como base um “survey” aplicado na cidade de Porto Alegre durante a eleição para governador, em 1994, são:

- a) Identificar o autopoicionamento ideológico do eleito-
rado porto-alegrense⁶.
- b) Verificar qual é a imagem dos partidos políticos (os considerados relevantes na eleição de 94: PT, PDT e PMDB) para o porto-alegrense, quanto à clivagem esquerda-direita⁷;
- c) verificar qual a imagem que os dois principais candidatos ao governo do Estado – Olívio Dutra, do PT e, Antônio Britto, do PMDB – possuíam no eleitorado da capital com relação à dimensão esquerda-direita, por ocasião das eleições.

Os dados de pesquisa utilizados neste trabalho foram colhidos em “survey” realizado pelo Núcleo de Pesquisa e Documentação da Política Rio-grandense (NUPERGS) em Porto Ale-

6 Aqui utilizaremos posicionamento ideológico como o posicionamento no “continuum” esquerda-direita.

7 Partidos relevantes, segundo a clássica definição de Sartori, são determinados não só pelo critério numérico eleitoral, mas também pelos critérios de potencial de coalizão (na medida em que um partido pode ser necessário numa composição de possíveis maiores governamentais) e no potencial de chantagem (quando o partido tem capacidade de modificar a direção de competição, determinando uma transferência de competição seja para esquerda ou direita) Sartori, 1982. p. 146.

gre entre o primeiro e o segundo turno da eleição para governador de 1994, à partir de uma amostra estratificada domiciliar com 609 entrevistas.

Rio Grande do Sul e Porto Alegre um mesmo padrão eleitoral.

Preliminarmente, um breve comentário sobre o padrão eleitoral gaúcho. Segundo Wanderley Guilherme dos Santos, referindo-se ao Brasil como um todo:

... uma importante tendência emergente ao longo da história eleitoral brasileira, e que se aplica a alguns estados, sugere a vitória recorrente da oposição, qualquer oposição (Wanderley Guilherme dos Santos, 1977, p. 213).

De fato, no caso das sucessões eleitorais no Rio Grande do Sul e na capital gaúcha de 1947 a 1962 observa-se a alternância consistente entre as duas principais coalizões partidárias do estado, a saber, o PTB e seus satélites menores, e a Frente Conservadora, constituída basicamente pelo PL, PSD e UDN. Assim, o comportamento eleitoral gaúcho, no período multipartidário anterior a 64, apresentava uma certa padronização do voto, baseada em: 1 – um bipartidarismo de fato, em que a polarização se dava entre duas forças políticas distintas (PTB e forças anti-PTB); 2 – a dominação do trabalhismo, e 3 – a inviabilidade de uma terceira força eleitoral capaz de significar uma alternativa ao eleitorado (Leônidas Xausa e Francisco Ferraz, 1981, Héglio Trindade 1981)⁸. O fim do multipartidarismo pelo golpe de 64, portanto, no caso do Rio Grande do Sul, encontra um ambiente de bipartidarismo de fato, e a antiga rivalidade é transferida para a ARENA e MDB. Já a partir de 1982, com a

8 Este padrão foi desenvolvido a partir de pesquisas sobre os resultados eleitorais majoritários e proporcionais. Ver: Xausa, Leônidas e FERRAZ, Francisco. O surgimento no Rio Grande do Sul nas eleições de 1966 in: 145-189. 2) TRINDADE, Héglio. Eleições e Partidos no Rio Grande do Sul: do FLEISHER, David .op cit. p. 190-234.

possibilidade de organização de novos partidos, o antigo padrão bipartidário volta a existir (Trindade e Noll, 1991).⁹

Outros estudos realizados ao longo do tempo (Baquero, 1986), em Porto Alegre, têm também sistematicamente revelado uma tendência oposicionista do voto da capital. Foi assim, durante a vigência do sistema bipartidário pós-64 e durante o sistema multipartidário, como podemos observar na série de resultados eleitorais abaixo relacionados.

TABELA 1 – Eleições majoritárias para governador e prefeito de Porto Alegre 1947-1994.

Eleições majoritárias para governador			Eleições majoritárias para prefeito de Porto Alegre		
Ano	Governador	Partido	Ano	Prefeito	Partido
1947	Walter Jobim	PSD	-	-	-
1950	Ernesto Dornelles	PTB	1951	Ildo Menegheti	PSD
1954	Ildo Menegheti	PSD	1956	Leonel Brizola	PTB
1958	Leonel Brizola	PTB	1960	José Loureiro da Silva	PDC
1962	Ildo Menegheti	PSD	1964	Sereno Chaise	PTB
1982	Jair Soares	PDS	-	-	-
1986	Pedro Simon	PMDB	1985	Alceu Collares	PDT
1990	Alceu Soares	PDT	1988	Olívio Dutra	PT
1994	Antonio Brito	PMDB	1992	Tarso Genro	PT

O partido referido é sempre o do mandatário, sem serem mencionadas eventuais coligações

Fonte: TRE/RS e Anais do Arquivo Histórico do Município de Porto Alegre, v. 1, 1983.

No caso da prefeitura de Porto Alegre esse padrão de oposição e alternância na prefeitura é quebrado em 1992. Com a abertura política no país, as capitais dos estados voltaram a ele-

9 Os autores afirmam que: "Na fase multipartidária, também o PMDB e o PDT conseguem manter o padrão anterior, sendo os dominantes em 19 e primeiro partido em 24 municípios. E o PDS somente dominará em 1 município". (p. 86) Ver: TRINDADE, Héglio e NOLL, Maria Izabel. Rio Grande da América do Sul; partidos e eleições (1823-1990). Porto Alegre: Universidade – UFRGS-Sulina, 1991.

ger seus prefeitos, e em 1985 Alceu Collares – PDT – foi eleito diretamente para a prefeitura de Porto Alegre. Na eleição seguinte, 1988, venceu Olívio Dutra – PT. Em 1992, Olívio elegeu seu sucessor, Tarso Genro – PT –, a primeira vitória de um partido governista em eleições livres na história de Porto Alegre.

Na definição de Wanderley Guilherme dos Santos, 1977:

... o voto oposicionista seria aquele em que dada uma eleição, quando vence uma oposição, esta torna-se situação e, a valer a hipótese do voto oposicionista, a expectativa seria a de que na eleição sucessiva a nova oposição seja bem mais sucedida do que quando era situação.

Nesse aspecto, a quebra desta alternância na capital gaúcha, e na eventualidade do PT sair vitorioso, nas eleições para a prefeitura de Porto Alegre, em 1996, poderá ser indicativo que esta tendência oposicionista traduzida em rotatividade dos partidos nos pleitos eleitorais já não seria suficiente para explicar o comportamento do eleitorado porto-alegrense, e em outros elementos precisariam ser agregados.

Dentre esses elementos, podemos destacar o crescimento gradual do PT a partir de 1982 (Baquero, 1994, p. 55), que, no entanto, não bastaria para explicar a vitória em dois pleitos consecutivos. Outro fator poderia ser o fato curioso de duas administrações petistas (autodenominadas Frente Popular) terem demonstrado uma certa imunidade com relação à avaliação negativa que as administrações tendem a sofrer por parte da população. No caso de Porto Alegre, a própria reeleição do PT poderia ser um indicador da aprovação da gestão petista¹⁰.

10 O mesmo fenômeno de reeleição de um partido de esquerda também acontece em Montevidéu. Segundo Gerónimo de Sierra, o "Frente Amplio ganó por segunda vez consecutiva el gobierno del Departamento de Montevidéu (45% de la población nacional); se implantó por primeira vez sólidamente en el interior del país (casi duplicó allí la votación de 1989); y se Gerónimo de. Elecciones Uruguayas: Cambios en el sistema de Partidos y na reunião do Grupo de Trabalho sobre Partidos Políticos da CLACSO, realizada em Caracas, novembro de 1994.)

A dimensão esquerda-direita e o processo eleitoral em Porto Alegre

Além daquelas dimensões, porém, torna-se necessário agregarmos à análise variáveis de comportamento eleitoral. Para tanto, na pesquisa de 1994, uma das variáveis estudadas foi a dimensão esquerda-direita e sua influência na definição do voto. Foi feita uma pergunta-filtro, aberta, em que as pessoas eram solicitadas a definir o que entendiam por esquerda e por direita. Àqueles entrevistados que souberam responder à esta questão foi solicitado então que se autodefinissem ideologicamente, numa escala de um a dez, sendo que uma pessoa muito à esquerda estaria na posição um e, uma pessoa muito à direita estaria na posição dez. A mesma escala foi utilizada para medir a percepção dos entrevistados em relação aos candidatos a governador, em disputa no segundo turno da eleição: Olívio Dutra (PT) e Antônio Britto (PMDB).

A partir da análise das respostas abertas, de uma série de definições colocadas pelos entrevistados, as respostas foram agrupadas em cinco categorias, a saber:

- a) **Definição segundo o posicionamento em relação ao Governo:** nesta categoria, quem é de “situação” era visto como de direita e a “oposição” foi considerada de esquerda;
- b) **Definição segundo a classe social:** ou seja, aqueles que são identificados como “defensores dos trabalhadores” e “estariam do lado do povo” seriam considerados de esquerda, enquanto que a direita estaria sendo identificada com a “elite”: os “empresários”;
- c) **Definição segundo a defesa de sistema político:** ou seja, a democracia seria defendida e identificada com a direita e o socialismo e comunismo estariam sendo defendidos pela esquerda;
- d) **Definição segundo posicionamento social e político:** ou seja, a direita estaria ligada mais aos “con-

servadores”, a esquerda mais associada aos “progressistas”;¹¹

- e) **Definição segundo identificação partidária:** embora com pequeno número de respostas, os partidos foram divididos segundo a dimensão esquerda-direita: PDS, PPR, PMDB foram considerados de direita, enquanto que o PT e PDT foram considerados de esquerda. Partidos tradicionalmente considerados de esquerda, como o PCB e PCdoB, não foram citados.

Do total de entrevistados (609), 374 (61,4%) não se autodefiniram ideologicamente e tampouco posicionaram os dois candidatos, Olívio Dutra e Antônio Britto. As análises que se seguem são feitas a partir das respostas daqueles que se posicionaram, ou sejam, 38,6% (235) dos entrevistados.

Mas, se com base nesses resultados iniciais, parece ainda existir uma certa dificuldade das pessoas em se posicionarem, num acompanhamento longitudinal de “*surveys*” anteriores (basicamente na seqüência de eleições a partir de 1982) é possível verificar que houve alterações no autoposicionamento desses eleitores.

Comparando os resultados de 1994 com a pesquisa realizada em 1982, no que se refere à declaração de autopercepção ideológica dos entrevistados, verifica-se que houve um leve crescimento de declaração de posicionamento ideológico. Em 1994, tivemos 38,6%, de pessoas, que se autoposicionaram contra 32,1%, em 1982. Naturalmente a conjuntura era outra: em 1982 era realizada a primeira eleição direta para governador após 64, e havia, ainda um certo temor na população em declarar seus posicionamentos políticos (Baquero, 1984).

O dado significativo, entretanto, está na tendência em termos de esquerda-direita. Naquele período – 1982 – a tendência era nitidamente de centro-direita. Já em 1994, a tendência é claramente de centro-esquerda. A tabela 2 nos mostra esta mo-

11 E em certa medida, ambas – esquerda e direita – foram classificadas como radical.

dificação em direção à esquerda na autopercepção dos porto-alegrenses.

TABELA 2 – Autopercepção ideológica (%)

Ano	Esquerda	Centro	Direita	N*
1982	20,0%	42,0%	27,0%	183
1994	35,7%	45,1%	19,1%	374

* N (nº total de casos) refere-se àqueles que se autodefiniram na dimensão esquerda-direta.

Fonte: BAQUERO, 1984 e NUPERGS – UFRGS, 1994.

Esta tendência à esquerda verificada, em 1994, reflete-se nos diversos estratos sociais. Quando comparados com renda, conforme esta aumenta, nota-se que há um aumento no posicionamento à esquerda, o mesmo ocorrendo com o grau de escolaridade, em que aqueles que cursaram o segundo-grau ou o nível superior tendem a se posicionar do centro para à esquerda. Aqui, ao contrário do esperado, verificou-se que quanto maior a renda e o grau de escolaridade, mais os entrevistados se autoposicionaram à esquerda. Como hipótese de explicação deste fenômeno, podemos considerar que a autopercepção de esquerda poderia estar associada à aprovação, pela população, da gestão administrativa que o PT realizou em Porto Alegre, na gestão de Olívio Dutra.

Imagem partidária e autopercepção ideológica

Em relação à outras variáveis, os dados indicam que aqueles que se definem como esquerda se consideram muito identificados partidariamente (58,3%), diminuindo o grau de identificação partidária a medida que aumenta o autoposicionamento de direita, sendo que 40% daqueles que se percebem como de direita responderam não possuir nenhuma identificação partidária.

No cruzamento entre identificação partidária e autopercepção ideológica, controlada pelo grau de identificação partidária, os resultados demonstraram que os três partidos mais relevantes foram o PDT, PMDB e o PT, sendo que destes o PT foi considerado como o partido de esquerda. Nota-se que para aqueles que se consideram de esquerda é bastante alto o grau de identificação partidária com o PT. Há claramente indícios de que o partido considerado de esquerda em Porto Alegre é o PT (Ver tabela 3).

TABELA 3 – Identificação partidária por autopercepção controlada pelo grau de identificação partidária (%)

Posição	Muito identificado			Pouco identificado			N°	
	Partido	Esquerda	Centro	Direita	Esquerda	Centro		Direita
PDT		33,4%	66,7%	-	20,0%	73,3%	6,7%	21
PT		76,4%	16,4%	7,3%	51,6%	38,7%	9,7%	86
PMDB		12,5%	37,5%	50,0%	11,8%	64,7%	23,5%	25

* N (nº total de casos) refere-se àqueles que se autodefiniram ideologicamente e declararam sua identificação partidária.

Fonte: NUPERGS – UFRGS, 1994.

Esta tendência, à esquerda e a identificação do PT como o partido da esquerda, poderia ajudar a explicar a presença de um grande número de militantes do PT na campanha de 94, em Porto Alegre, e da reeleição de um mesmo partido na Prefeitura dessa cidade.

Imagem dos candidatos Olívio e Britto e a dimensão ideológica

A análise da imagem dos dois principais candidatos ao governo do Estado em 1994, Olívio Dutra – PT – e Antônio Britto – PMDB – é relevante, mormente a figura do candidato continue sendo um fator importante para o eleitorado, tanto para os que se autoposicionaram como esquerda ou como direita,

como para aqueles que não se autodefiniram ideologicamente, como demonstra a tabela 4.

TABELA 4 – Declaração de motivo de voto por autopercepção (%)

Autopercepção	Pessoa	Partido	Outras respostas	N*
Com autopercepção	66,0%	20,9%	13,1%	374
Sem autopercepção	79,7%	15,7%	6,8%	235

* N (nº total de casos) refere-se àqueles que se autodefiniram na dimensão esquerda-direita.

Fonte: NUPERGS – UFRGS, 1994

Para aqueles que se autoposicionaram no “continuum” esquerda-direita, os resultados, quanto à imagem dos candidatos, indicaram Olívio Dutra – do PT – como o candidato considerado centro-esquerda, enquanto que Antônio Britto – do PMDB – aparece como mais fortemente identificado como o candidato considerado de direita, conforme pode-se ver na tabela 5.

TABELA 5 – percepção do candidato (%)

Candidato	Esquerda	Centro	Direita	N*
Antônio Britto	8,7%	19,6%	71,7%	230
Olívio Dutra	64,9%	23,4%	11,7%	231

* N refere-se àqueles que se autodefiniram e definiram os candidatos segundo a dimensão esquerda-direita.

Fonte: NUPERSGS – UFRGS, 1994.

É pequena a diferença entre os percentuais; todavia, os dados podem estar indicando que Olívio Dutra, em comparação com os dados obtidos pelo seu partido, o PT, estaria ocupando uma imagem mais “moderada” ideologicamente. A própria intenção de voto, de acordo com a clivagem esquerda-direita, estaria indicando que Olívio teria um certo “trânsito” em todos os estratos da sociedade porto-alegrense, conforme demonstra a tabela 6. Os dados deste cruzamento (tabela 6) parecem indicar que os eleitores de esquerda concentraram seus votos no

candidato Olívio, enquanto que os eleitores considerados de direita apresentam uma certa dispersão na hora de votar.

TABELA 6 – Autopercepção por declaração de voto no primeiro turno e intenção de voto no segundo turno (8%)

Posição/ Candidato	Voto primeiro turno			Intenção segundo turno			N*
	Britto	Olívio	Outros	Britto	Olívio	Outros	
Esquerda	7,1%	86,9%	6,0%	9,5%	90,5%	-	168
Centro	31,1%	47,2%	21,7%	37,7%	52,8%	9,4%	146
Direita	57,8%	15,6%	73,4%	62,2%	26,7%	11,1%	252

* N (nº total dos casos) refere-se àqueles que se autodefiniram na dimensão.

Fonte: NUPERGS – UFRGS, 1994.

Conclusão

Os dados analisados, neste artigo, baseados nas respostas dos que se autodefiniram, na dimensão esquerda-direita, permitem verificar a existência de uma tendência de centro-esquerda do porto-alegrense na eleição para governador em 1994.¹²

Essa tendência, à esquerda, poderia estar se constituindo em um elemento orientador na definição do voto, uma vez que, os entrevistados que se consideram de esquerda estariam votando no candidato que percebem como de esquerda (ver tabela 6). Se esta conclusão pode parecer uma falácia lógica, na realidade ela pode servir para indicar que uma parcela considerável dos eleitores, na capital gaúcha, parece levar em consideração questões de ordem, de coerência ideológica na escolha dos candidatos nas eleições.

12 Ressaltamos, entretanto, que a realidade político-eleitoral da capital gaúcha a outras regiões do Estado gaúcho. A força eleitoral do PT, por exemplo, é menos intensa: na disputa da eleição de 1994 Antônio Britto (PMDB) tem mais presença e força no interior gaúcho do que o candidato petista Olívio Dutra. Um estudo importante a ser realizado seria analisar até que ponto há um crescimento do PT também no interior do estado e em que medida isto afetaria a estrutura partidária do RS.

No entanto, se levarmos em consideração que os entrevistados consideram o PT como o partido de esquerda na capital gaúcha, e que o candidato Olívio Dutra foi percebido como de centro e de centro-esquerda, apresentando uma penetração em todos os estratos sociais, poderíamos questionar se a candidatura Olívio Dutra não teria sido mais relevante do que o partido que ela representa. Seguindo este raciocínio, uma vitória de Olívio seria mais uma vitória do homem político e menos do partido ao qual está vinculado.

Esta conclusão, no entanto, tem que levar em consideração o potencial de crescimento que o PT vem apresentando ao longo dos últimos anos (como já assinalamos anteriormente). Tudo indica, pela força que adquiriu o PT, que será necessário cada vez mais a união de outros partidos para disputar com ele (a exemplo do que acontecia na bipolarização PTB/amto-PTB).¹³ A diferença que existe, no entanto, é que a nova realidade eleitoral porto-alegrense sugere que esta divisão pode possuir uma relação positiva com a dimensão esquerda-direita.

Assim, a exemplo do Uruguai, onde a Frente Ampla venceu as duas últimas eleições, em Montevidéu, e se fortaleceu como um terceiro pólo eleitoral no país, no Rio Grande do Sul, se permanecer o bipartidarismo de fato em Porto Alegre, com novas vitórias de um PT identificado como esquerda, a dimensão esquerda-direita poderá constituir-se em um forte componente nas decisões do eleitorado gaúcho.

13 É o que afirma, quanto ao padrão eleitoral gaúcho, Xausa e Ferraz: "No caso gaúcho, (...) através do confronto básico PTB - anti PTB, e, o fenômeno de alternância, (...) é explicada pelo fato antes apontado de ser cada vez maior o número de partidos que necessita para unir-se para, em momentos sucessivos, poder derrotar o PTB. (...) e que os momentos de derrota do PTB, exatamente correspondem aquelas situações em que uma tomada de consciência identificando o adversário comum obriga vários partidos a esquecerem passadas divergências, como a única forma de vencê-lo a atingir o poder, (...)" p. 157. Ver: XAUSA, Leônidas e FERRAZ, Francisco. O surgimento no Rio Grande do Sul nas eleições de 1966. In: FLEICHER, David. Os partidos políticos no Brasil. Brasília: UNB, 1981, p.145-189.

Referências bibliográficas

- BAQUERO, Marcello (Org.). Abertura política e comportamento eleitoral nas eleições de 1982 no Rio Grande do Sul. Porto Alegre : UFRGS, 1984.
- _____. As eleições municipais de 1985: efeitos no sistema partidário e perspectivas para as próximas eleições no Rio Grande do Sul. *Revista de Ciências Sociais*. Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n.1, 1986, p.5-20.
- _____. O desencanto com a democracia: análise do comportamento eleitoral dos gaúchos nas eleições de 1994. *Opinião Pública*, Campinas, v.2, n.2, dez. 1994, p. 49-60.
- _____. Paradigma de Converse: sistemas de crenças e o processo eleitoral de 1982 em Porto Alegre. *Revista do IFCH/UFRGS*, Porto Alegre, v. 13, 1985, p. 239-53.
- BOBBIO, Norberto. Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: UNESP, 1994, p. 129.
- CONVERSE, Phillippe E. The nature of belief systems in mass publics. In: APTER, David E. (org). *Ideology and discontent*. New York: The Free Press, 1964.
- D'ALIMONTE, Roberto. Espaço Político. In: BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 2. ed. Brasília: UNB, 1986, p.1328.
- LAMOONIER, Bolívar. *Partidos e utopias: o Brasil no limiar dos anos 90*. São Paulo : Loyola, 1989.
- MARTINS, Leôncio. Quem é quem na Constituinte: uma análise sócio-política dos partidos e deputados. São Paulo : OESP-Maltase, 1987.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. As eleições e a Dinâmica do Processo Político Brasileiro. *Dados*, São Paulo, n. 14, 1977, p. 211-39.
- SARTORI, Giovanni. Partidos e Sistemas partidários. Brasília : UNB, 1982.
- SCHWEISGUTH, Etienne. La dimension droite-gouche: de la demande a l'offre politique. In: GAXIE, Daniel. Explication du vote, um bilan des études electorales em France. Palais du Luxemburg: Fondation Nationale de Sciences Politiques. France, v. 1, 4,5,6 mar. 1993, p. 137-71.

- SCIARINI, Pascal, FINGER, Mathias. Les dimensions de l'espace politique suisse et l'integration de la "nouvelle politique écologique". *Revue Française de Science Politique*. Paris : Press de la Fondation Sciences Politiques, v.41, n. 4, p. 537-59, ago. 1991.
- SERRA, Gerónimo de. Elecciones Uruguayas: Cambios en el sistema de Partidos y bloqueos emergentes. (Versão revisada da exposição apresentada na reunião do Grupo de Trabalho sobre partidos Políticos da CLACSO), Caracas, nov. 1994.
- TRINDADE, Hélió, NOLL, Maria Izabel. Rio Grande da América do Sul: partidos e eleições (1823-1990). Porto Alegre : Univerdade/UFRGS-Sulina, 1991.
- TRINDADE, Hélió. Eleições e Partidos no Rio Grande do Sul: do Sistema Multipartidário à Criação do Bipartidarismo(1950-1976). In: FLEICHER, David. Os partidos políticos no Brasil. Brasília : UNB, 1981, p. 190-234.
- XAUSA, Leônidas e FERRAZ, Francisco. O surgimento no Rio Grande do Sul nas eleições de 1966. In: FLEICHER, David. Os partidos políticos no Brasil. Brasília : UNB, 1981, p.145-89.